

Atendimento telefônico do Incor-DF não funciona. No HUB, pacientes precisam subir escadas para fazer hemodiálise e buscar comida

Entregues à própria sorte

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Marcelo Ferreira/CB



SEM ELEVADOR, MOACIR E DENISE PRECISARAM USAR AS ESCADAS DO HUB

A professora Maria Imaculada Muniz Barboza Junqueira assumiu interinamente, na manhã de ontem, a direção do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Ela também é diretora-adjunta de Ensino e Pesquisa e acumulará os dois cargos até a próxima segunda-feira. Maria Imaculada foi nomeada pelo reitor da Universidade de Brasília (UnB) — responsável pela gestão do HUB —, Timothy Mulholland, depois que a direção entregou o cargo, há dois dias, alegando precariedade das condições de trabalho da equipe e de atendimento aos pacientes.

No Incor-DF, parte dos funcionários não foi trabalhar. Na tarde de ontem, quem procurava a instituição para marcar consulta era orientado a voltar para casa e tentar o agendamento pelos telefones 0800-6441044 ou 0800-6441055. Mas uma gravação informa que o primeiro número está programado para não receber chamada. No segundo, o serviço está indisponível temporariamente.

A crise nos dois hospitais públicos do Distrito Federal obriga os pacientes a uma rotina de dificuldades e humilhação. O Incor-DF, com instalação e equipamentos de última geração, fechou as

portas aos usuários desde 29 de março por causa de um rombo de R\$ 30 milhões nas finanças. Desde então só atende as emergências. Além da crise, há um outro desafio: encontrar um administrador para o hospital. O Conselho Curador da Fundação Zerbini, que administra o Incor-DF, decidiu que a entidade não poderá ser a gestora de novos projetos e deverá negociar o encaminhamento de projetos que estão em andamento, como o Incor-DF.

O HUB também deixou de receber pacientes esta semana. A

situação chegou a tal ponto que a direção do hospital — que pediu demissão esta semana — considerou que os pacientes estavam expostos a “situação de indignidade”. O relato do casal Moacir Pereira da Silva, 36 anos, aposentado, e da dona-de-casa Denise da Silva Feitosa, 35, ilustra o que os pacientes estão passando. Moacir faz hemodiálise e contou que, na quarta-feira, foi obrigado a subir oito lances de escada até o 4º andar para fazer o tratamento porque o elevador havia parado de funcionar. O Correio percor-

reu o mesmo caminho, cansativo até para quem não está com a saúde debilitada. Na semana passada, Denise teve de buscar a comida deles e de outros pacientes. “A escada parecia um formigueiro. O doente que não conseguia descer, pedia a alguém que levasse a comida. Os funcionários sozinhos não davam conta de atender todo mundo”, relatou.

O Correio não foi autorizado pela Fundação Zerbini a entrar no Incor-DF. Mas na recepção do hospital a ausência de atendentes era visível. Nos nove guichês, apenas um funcionário fazia o atendimento aos pacientes entre 13h e 14h30 de ontem. Um funcionário disse que os trabalhadores da recepção também decidiram ficar em casa. “A situação aqui está muito difícil”, resumiu.

A geógrafa Eliane Cordeiro Bieda levou o pai, Dário Bieda, para marcar uma ressonância. Teve de esperar. “O rapaz disse que os funcionários não vieram trabalhar à tarde. Se eu quisesse, poderia esperar ou voltar para casa e tentar marcar pelo telefone. É um absurdo. Pagamos caro pelo convênio e ele tem direito a fazer o exame”, disse. Pouco tempo depois, um funcionário chamou Eliane e a conduziu para o interior do prédio. Na saída, ela comemorou: “Depois do susto, fui muito bem atendida. Graças a Deus deu tudo certo”.

Fundação divulga nota

Por meio de nota, a direção da Fundação Zerbini — que administra o Incor-DF e o de São Paulo — informou que conversou ontem com o promotor Diaulas Costa Ribeiro, da Promotoria de Defesa dos Usuários de Serviços de Saúde do Distrito Federal, sobre a disposição da entidade de buscar a solução para a crise financeira do Incor-DF e pagar os salários atrasados dos funcionários, referentes a março.

Esclareceu ainda que a verba de R\$ 2,2 milhões do Senado só pode ser usada para custeio. Diaula defendeu que a farmácia fosse reabastecida e não apenas os medicamentos dos pacientes internados. “Quanto menos gente for atendida, mais a crise se agravará porque o hospital deixa de faturar”, explicou o promotor.